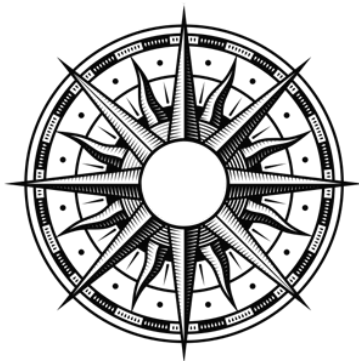




PRÓLOGO

Londres

Limehouse, trinta minutos após a meia-noite

02 Nov 1883

AS DOCAS DE LIMEHOUSE estendiam-se por diversas milhas, formadas por um intrincado sistema de atracadouros, vias, armazéns, marinas e edifícios de apoio. Centenas de barcos de todos os tamanhos e calagens chegavam e partiam do local diariamente, alguns subindo até Hampton ou Shepperton, outros partindo para a foz e, então, navegando para lugares como Calais, Gotemburgo, Cidade do Cabo, Nova Iorque ou Bombaim. À noite, iluminados apenas por algumas poucas lamparinas de algum vigia noturno e da meia dúzia de lâmpões que a administração do porto mantinha acesa, os barcos

chacoalhavam lentamente ao sabor da maré, rangendo como os dentes de um velho tubarão tigre.

E nesta floresta singular de mastros, cordas e velames, dois homens esgueiravam-se por um passadiço escuro de um barco recém fundeado, cuja bandeira polonesa jazia enrolada junto à popa. Vestindo trajes escuros, a dupla seguiu agachada perto da amurada até alcançar a pequena ponte de madeira que os levaria até o atracadouro.

Depois de observar o cais vazio por alguns momentos, os dois arriscaram-se a deixar o barco. Um deles fez um movimento longo com os braços, esticando as costas endurecidas após passar dezoito horas escondido dentro do compartimento. Apesar de perigoso, as poucas horas longe do barco representavam a única oportunidade de alongar os músculos. Ele reclamou com o colega, que apenas grunhiu em resposta, cobrando silêncio. Estavam próximos demais da embarcação e ele temia chamar a atenção. Assim que alcançassem o centro das docas, poderiam agir livremente, como dois marinheiros que voltavam para casa após um dia de labuta. Mas, até lá, era conveniente que permanecessem incólumes.

Eles desceram o cais e seguiram por uma rua lateral, escondidos entre as sombras das grandes embarcações. Em uma esquina, saltaram uma pequena cerca de madeira e subiram por uma escada de incêndio até o alto de um armazém, um posto de observação que haviam descoberto na primeira semana de vigia. Empoleirados junto às telhas de barro, puxaram suas lunetas e vasculharam o cais até encontrar o barco que procuravam. Dois pequenos lampiões, carregados por homens altos, brilhavam como vagalumes ao longe.

Pela lente, observaram as caixas sendo descarregadas do navio com cuidado, sendo depositadas em uma carroça que esperava pacientemente.

Em um bloco de anotações, anotaram o número de caixas. Era o terceiro carregamento da semana. Desta vez, não houve conferência, mas pelo esforço dos homens, provavelmente era uma carga de armas. O ópio costumava ser mais leve.

Depois que a carroça partiu e os lampiões foram apagados, eles esgueiraram-se até a escada e desceram os degraus sujos pela poeira e cocô de pombos. Saltaram a cerca novamente antes de se afastarem.

Um dos homens estalou os nós dos dedos e buscou um cigarro nos bolsos, puxando o fumo até a boca. Ele acendeu o isqueiro e, por um momento, o pequeno lume brilhou na escuridão. Houve um silvo alto e estranho e o isqueiro caiu com um rodopio até atingir o chão. O segundo homem se virou para o colega a tempo de vê-lo tombar para trás com uma flor vermelha nascendo do seu peito, que se esvaía em sangue.

Ele se virou num átimo, com a arma já em punho, mas um segundo silvo invadiu a noite e o seu ombro foi golpeado por uma força invisível, que lhe arrancou um grito e o fez derrubar a arma antes que caísse no chão. Ele levou a mão até o ombro ferido, de onde escorria o próprio sangue. A bala havia perfurado sua carne, atravessando-a e saindo do outro lado. A dor era lancinante.

Praguejando em alemão, tentou se arrastar até a arma perdida, mas um terceiro silvo atingiu o chão a cinco centímetros da sua mão e ele compreendeu que seria inútil prosseguir. Erguendo o dorso, acompanhou a chegada de um

homem que se aproximava entre as brumas, mantendo o rosto escondido dos poucos lampiões que iluminavam o cais vazio.

Não se alarmou ao notar a chegada do Coronel Moran. Vira inúmeras fotografias do sujeito na sede da Sociedade Thule, em Munique. Ele era um dos alvos preferenciais para qualquer agente que o encontrasse. O Professor Moriarty era intocável, mas Moran deveria ser abatido se a oportunidade se apresentasse. Naquele momento, no entanto, a vida do agente alemão dependia da boa vontade do assassino.

— Não se preocupe, Boher — disse Moran, aproximando-se com a arma de pressão nas mãos. — Não tenciono matá-lo.

Boher conteve o ímpeto de questionar Moran ao ouvir seu nome proferido pela boca do crápula. Na verdade, naquele jogo de gato e rato em que a Sociedade Thule e a Corporação duelavam, a espionagem e a dissimulação sempre foram as armas empregadas.

Moran cofiou o seu impecável bigode grisalho, abaixou-se perto do alemão e retirou um frasco de metal de dentro do casaco. Ele tomou um gole e ofereceu o frasco à Boher, que aceitou o uísque em silêncio. A bebida desceu queimando pela garganta e ofereceu um alívio temporário para a dor em seu ombro.

— O ferimento foi limpo. Você vai sobreviver, pois assim o Professor decidiu. Me dê as suas anotações.

Boher tomou um novo gole e devolveu o frasco, empurrando os papéis com a mão suja de sangue.

— Por quê? — perguntou, apertando o ombro com mais força para estancar o sangue.

— Para enviar um recado — disse Moran, com um sorriso. — A ilha é território do Professor. Ele mantém-se aliado e fiel à Sociedade, mas não vai tolerar visitantes inesperados.

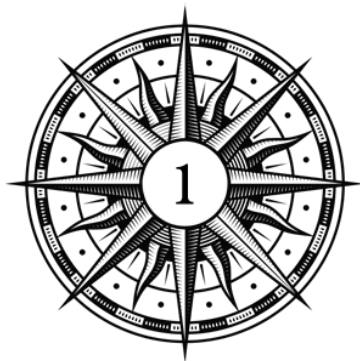
— Se ele continua fiel, por que matou o meu companheiro? — rosnou Boher, apontando o colega caído com os olhos.

Moran ajeitou a arma em suas mãos.

— Só é preciso um para levar o recado. E vocês não são bem-vindos, meu caro Boher. Da próxima vez, utilize um cabograma.

Moran tocou na aba do chapéu e se afastou, desaparecendo entre as brumas das docas.





NO TEATRO

Teatro Metropolitano

Londres, Inglaterra

14 Nov 1883

A MULHER ARREBATOU-SE CONTRA A POLTRONA DE CHITA, as mãos segurando o espaldar alto com tanta força que parecia que suas unhas se cravariam no tecido fino. Do outro lado, um homem alto e magro a observava com o olhar astuto e repleto de lascívia.

“Você não pode estar falando sério” — anunciou a mulher, sem se virar.

Ela colocou a mão na cabeça, como se os sinos do Big Ben estivessem badalando entre suas têmporas. Havia uma expressão de angústia e horror em cada linha de expressão e nos lábios carnudos e pintados.

O homem mantinha-se imóvel, apenas unindo os longos dedos na frente do seu queixo, emoldurado por um bigode fino que descia até a altura do pescoço. Os olhos puxados do sujeito, realçados pela tinta preta que delineava seus cílios, brilhavam em vermelho.

“Seu filho desonrou Shuan Li, que agora jaz com seus ancestrais para se livrar de tamanha afronta” — disse o homem, dando um passo à frente e, então, parando mais uma vez. “Ele a seguirá em poucas horas se não aceitar os meus termos” — concluiu, olhando para o divã espalhafatoso que ocupava boa parte do local, com cores vibrantes e voluptuosas.

“Minha honra...”

“Não há honra para quem atravessa o caminho de Xuang Li!” — vociferou o homem, interrompendo-a. — “Hong Kong é o meu domínio, no qual desfruto os meus desejos. E agora, é você quem desejo, Sra. Turner”.

A mulher deu um passo cambaleante para longe da poltrona, e então, seu olhar recaiu no belo relicário dourado que, como tudo o mais naquele local, parecia profanado pelos desejos incestuosos de Xuang Li. O bar improvisado na peça sagrada lhe trazia repulsa e ela estremeceu por um momento, virando o rosto, mas, então, aproximou-se com os passos mais firmes. Ela serviu-se de uma dose generosa de um líquido fulvo, apertou os lábios e beijou o próprio crucifixo uma última vez.

Com os dedos trêmulos, ela retirou um pequeno envelope de dentro dos bolsos e despejou um pó branco em um copo, mantendo seus gestos escondidos pelo próprio corpo. Depois, serviu uma nova dose da bebida e se virou, com os copos na mão.

Xuang Li sorriu e seu sorriso escondia toda a perfídia do mundo. Havia um segurar da respiração quando a senhora Turner se aproximou do oriental com o copo trêmulo. Ela tomou um gole com delicadeza e abriu um sorriso incerto ao oferecer a bebida para o seu captor. Ele pegou a bebida e engoliu a dose com aspreza, largando o copo no chão, que se quebrou em um estilhaço agudo. A Sra. Turner deu um passo para trás, mas era tarde demais. Ele a agarrou pela cintura e ela gritou. Um segundo depois, seus lábios estão colados e ela o estapeia, primeiro, com energia, mas, depois, com os movimentos cada vez mais esparsos. Ele a empurrou para o divã e ela caiu na cama, arfando.

Xuang Li arrancou o paletó ocidental e começou a tirar a gravata. Sua expressão adquiriu contornos demoníacos quando uma luz vermelha incidiu sobre o seu rosto. Ele arreventou o colarinho, mas suas mãos não saíram da garganta. Havia algo errado. Seu rosto se contorceu e ele arrancou a camisa branca em agonia, apresentando o dorso nu, onde tatuagens horríveis de monstros reptilianos coloridos parecem se contorcer na mesma expressão aterrorizada do homem, que ainda tentou se aproximar da senhora Turner com as mãos levantadas, como em súplica, mas ela simplesmente o observou com o rosto impassível. Então, ele rosnou alguma praga em uma linguagem estranha e caiu ao chão, morto.

Um longo momento se passou antes da senhora Turner se levantar, cruzando pelo corpo do falecido Xuang Li sem ao menos se virar para vê-lo. Seu andar é trôpego e, por duas vezes, sua mão esfregou o pescoço avermelhado. Decidida, ela se aproximou da escrivaninha, onde há um punhal retorcido que o maldito oriental utilizava como espátula para abrir cartas.

Ela segurou o punhal com uma das mãos enquanto esfregava a boca com a outra, espalhando o batom avermelhado em seu rosto, que parece desfigurado.

“Não há outro caminho para uma mulher desonrada” — disse ela, antes de cravar o punhal na própria barriga.

E enquanto fitas de seda rubra escapavam do vestido previamente preparado e a senhora Turner caía no chão em um movimento coreografado, a plateia ergueu-se em júbilo, aplaudindo em pé o encerramento das cortinas.

Catarina Potter era uma das várias mulheres que haviam se erguido de sua cadeira, agitando o seu leque com ferocidade. Um vermelhão levemente escandaloso em seu pescoço parecia contrastar com as vestes esverdeadas e ela aplaudia e se refrescava ao mesmo tempo.

Ao seu lado, Vésper, sentada, apenas girava os olhos.



Após descerem as galerias, a multidão se aglomerou perto do foyer. Nos requintados recitais e peças do Teatro Metropolitano, muito mais importante do que as peças em si, seus frequentadores estavam ali para *verem* e, principalmente, serem *vistos*. Vestidos de gala rodopiantes eram comparados sob a luz de milhares de lâmpadas a gás, que revestiam seus frequentadores com uma bruma dourada que brilhava nos colares, pulseiras, anéis e nos castões das bengalas, além de uma ou outra medalha militar.

Vésper tencionava sair o mais rápido possível dali, mas era claro que a sua mãe tinha outros planos. Desde que voltara da longa aventura com a sua tia

Mary Ann no oriente, Catarina a levava para todos os eventos públicos possíveis, aproveitando o fato de que a irmã os ignorava completamente para estabelecer os *verdadeiros* fatos para a nata londrina. O que incluía, era claro, uma versão fantasiosa sobre como Vésper fora enganada por Mary Ann para participar de uma pequena excursão, que acabou se transformando em uma longa viagem para qual a garota não fora informada. Vésper tentara dissuadi-la das mentiras, mas era impossível contestar a própria mãe de forma veemente, pois a sua própria história não passava de um embuste.

O que poderia ser considerado um ato de caridade, de fato. Se Catarina descobrisse que Vésper e Mary Ann haviam sido sequestradas por um sujeito que pretendia capturar o abominável homem das neves, e que as levava até a Índia, depois Nepal e, por fim, para uma perigosa jornada entre as montanhas do Himalaia, onde elas precisaram sobreviver ao frio, a uma tentativa de assassinato, a uma avalanche mortífera e ao encontro com um monstro legendário... Não, era melhor não pensar nisso. Catarina provavelmente teria um infarto ou se tornaria hóspede permanente da Bethlem, não antes de assassinar a própria irmã. E Vésper, se tivesse a chance.

Mas, se pensasse bem, a mentira da mãe era tão absurda quanto a história que Mary Ann inventara, alegando que haviam passado um tempo nas colônias britânicas da África e que as cartas enviadas tinham sido extraviadas pelo correio. De qualquer modo, ela não se importava com a opinião das amigas da mãe.

— Absolutamente correto — dizia um homem de cabelos lisos e lambidos, olhos profundos e gestos calmos, que conduzia o que parecia ser uma pequena palestra para uma dúzia de homens e mulheres que o ouviam com atenção.

Catarina empurrou um garçom para o lado, resmungou com um sujeito pálido que se aproximava e jogou o seu vestido volumoso contra uma juvenzinha de cabelos amarelos para poder se aproximar do homem, puxando Vésper pelo braço.

— Era um dever — dizia ele, enquanto assinava um autógrafo para uma jovem de vestido azul turquesa. — Um dever público. Precisamos chamar a atenção de nossa juventude para o *perigo amarelo*. Esta peça é a minha mais recente contribuição para a educação de nossos jovens. Precisamos nos manter atentos.

— Bravo! Bravo! — responderam duas mulheres, puxando o coro que logo foi seguido por Catarina.

— Precisamos interromper este ciclo — continuou ele, com o semblante sério. — O que começa no *East End* acaba se espalhando por toda a Londres. Não podemos permitir que jovens corrompidas pela imoralidade chinesa infestem a nossa sociedade. As relações inter-raciais são um foco para o enfraquecimento da raça britânica. Estamos em uma guerra aqui: São Jorge *versus* o Dragão! E tal como o nosso santo padroeiro, precisamos nos manter fortes e atentos!

Catarina aplaudiu. Homens concordaram com acenos sóbrios. Duas jovens coraram. Vésper bocejou.

Um pouco depois, o autor da peça, um sujeito conhecido pelo incomum nome de Sax Rohmer, foi chamado para uma entrevista com os jornais locais e Catarina se afastou, sorridente.

— Podemos ir embora, agora? — perguntou Vésper, mas sua mãe simplesmente a ignorou e trocou de assunto.

— Você ouviu aquele homem, Vésper? Guarde as suas palavras. Não podemos nos contaminar com estas raças inferiores.

Vésper grunhiu. Já imaginara o motivo daquela ida abrupta ao teatro quando vira o nome da peça: Mr. Xuang-Li e a Rosa de Hong Kong. Desde que retornara, algumas semanas atrás, sua mãe se incumbira pessoalmente de *arrancar a influência perversa da minha irmã, unha por unha, se fosse necessário*, segundo suas próprias palavras.

— Não estive na China, mãe, mas na África — resmungou ela, o que, tecnicamente, era uma completa mentira. Afinal, elas visitaram a Índia, o Nepal e, no meio das montanhas, talvez tivessem alcançado o Tibete. Não que a sua mãe fizesse qualquer distinção entre os países, o que foi corroborado pela sua fala.

— Dá no mesmo, Vésper — disse ela para a filha, com um sorriso frio. — Você precisa provar que não foi contaminada durante a viagem. Por isso, estamos aqui.

Vésper poderia ter vomitado naquele momento, mas achou que a ideia não iria ajudá-la. Ela passara trancafiada aqueles dias, saindo apenas com a presença da mãe ou da governanta, e já estava prestes a enlouquecer. Se conseguisse se

manter obediente pelas próximas semanas, talvez a rédea curta da mãe afrouxasse.

Um minuto depois, se arrependeu da decisão. Catarina miou como um gatinho e só havia um motivo para que ela se comportasse de forma tão submissa e pedante.

Lady Whinter se aproximava, a viúva de um general morto pela gota. Ela andava como se fosse uma rainha, suas bochechas e papadas balançando com o peso da maquiagem carregada e dos brincos de diamantes. Prima em segundo grau do Sr. Porter, era a pessoa mais próxima de Catarina que tinha um título de nobreza e, por isso, devotava a ela a sua mais completa e abjeta afeição.

E no seu enalço, como sempre, estavam Agatha, Dorothea e Dursilla, as três filhas que a seguiam como cachorrinhos. A mais velha e herdeira dos títulos e das dívidas, seguia à frente, com a pose altiva e o nariz tão empinado que Vesper não conseguia imaginar como ela não caía para trás a cada passo. Dorothea e Dursilla seguiam logo atrás, duas pequenas bonecas de porcelana, gêmeas univitelinas de pó branco, cabelos encaracolados e olhos frios como os de animais empalhados.

— Lady Whinter — disse Catarina, com a voz estranhamente fina e servil, fazendo uma reverência exagerada, que fez Vesper sentir a bile subir à garganta.

Catarina ouviu o resmungo da filha e se virou discretamente para trás, cutucando-a até que ela se viu obrigada a acompanhar a mãe. Ela se abaixou e subiu o mais rápido que a etiqueta lhe permitia.

— Catarina — resmungou milady, com sua voz untuosa enquanto balançava o leque para espantar o suor que parecia escorrer de sua peruca

enorme. — Não imaginava que a encontraria aqui, minha cara. Achei que ainda estaria envolta com as travessuras da sua irmã.

Catarina corou como um pimentão e Vésper notou que as duas gêmeas abriram um sorriso idêntico, o que a fez estremecer.

— Não tenho mais relações com a minha... irmã, milady, desde o *incidente*. Decerto, imagino que concorde com esta decisão.

— Não imagine coisas sobre mim, minha cara. Não fará bem à sua cabeça imaginar as responsabilidades que pesam sobre meus ombros.

— Claro, claro, milady — desculpou-se Catarina, baixando ainda mais os olhos.

Lady Whinter deu alguns passos à frente, seu longo vestido empurrando Catarina para os lados enquanto observava Vésper.

— Achei que estaria mais corada, menina. Não passou um ano na África?

— Sim, milady. Contra a minha vontade — acrescentou. Não gostava da mentira da mãe, mas detestava ainda mais milady e suas filhas.

— Como viu na peça do Sr. Rohmer, há poucas alternativas para uma mulher desonrada — ela disse, examinando Vésper de alto a baixo.

Catarina abriu a boca, engasgou-se, e Vésper precisou resolver a questão sozinha.

— Não tenho dúvidas disso, milady. Mas a minha tia nunca permitiria isso. E visitamos as colônias, apenas. Não foi o seu falecido marido que disse que as colônias britânicas são extensões de nossa amada Inglaterra? A minha honra nunca correu perigo, de fato. Viajamos com uma bela e brava tripulação britânica.

Milady apenas soergueu os olhos e se virou para Catarina.

— Uma jovem incomum a sua filha, Catarina. Influência da sua irmã, imagino. Algumas coisas se mostram pelo sangue, você sabe.

— A influência pode ser modificada, milady. Talvez as suas filhas pudessem passar um tempo com Vésper, por assim dizer.

Vésper recebeu a sugestão com um choque e pela reação das três garotas, a ideia também não lhes apeteceu.

Milady a observou com cuidado.

— Podemos conversar sobre isso. Amanhã, às 16 horas, em sua casa — disse ela e se afastou, com as três filhas em seu encalço.

As duas gêmeas encararam Vésper com os olhos mais frios do que o abominável homem das neves.

— Não é maravilhoso? — miou a sua mãe, quando milady se afastou entre os convivas.

Vésper piscou várias vezes antes de saber como responder a isso.

— Sim, mãe — disse, com a voz mecânica.

— Venha, vamos embora. Precisamos organizar tudo para a visita de milady.

Vésper bufou baixinho e seguiu a mãe pelos corredores apinhados até desaparecerem pelos belos portais do teatro.

